

# Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

## Estudo 13 – As visões de Daniel

### Daniel 7 a 12

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes  
[anasuman@pibrj.org.br](mailto:anasuman@pibrj.org.br)

Terminamos o nosso último encontro dizendo que o livro de Daniel, objeto deste estudo, apregoa duas importantes verdades: o Altíssimo reina, o primeiro e os santos do Altíssimo um dia herdarão um reino que jamais será esquecido, o segundo e último. Para que o estudo de hoje, que prioriza as visões de Daniel seja útil, é necessário que tenhamos esses tópicos em mente e não nos permitamos desviar a nossa atenção para outros atrativos, tais como tentar descobrir em qual período da história as 70 semanas de Daniel serão completadas, qual será o reino vencedor, a quem devemos atribuir a simbologia de “chifre pequeno” e etc. Permitir que a discussão se detenha em coisas assim é perder de vista as mensagens principais.

As visões substituem os sonhos e foram inseridas na segunda parte da profecia, toda ela escrita em hebraico. São cinco e fazem parte da chamada literatura apocalíptica. Antes de discriminá-las, acredito ser útil tentar identificar qual a diferença entre linguagem apocalíptica e linguagem profética -- tema que não é dos mais fáceis -- e o farei a partir dos trabalhos de Raymond Dillard, em sua excelente Introdução ao Antigo Testamento.

Escatologia é um tipo específico de revelação. Há características que aparecem em textos apocalípticos e que são encontradas com menos assiduidade nos temas proféticos. A escatologia estrita contempla, para além do futuro imediato, o tempo do fim. Daniel vai além do período de opressão persa, grega e romana para chegar ao tempo

em que Deus irá intervir e acabar com toda a opressão uma vez por todas. O Novo Testamento reconheceu em Daniel uma referência à segunda vinda de Cristo em Apocalipse 1, 7 texto que alude a Daniel 7,13. O Filho do Homem, que vem com as nuvens à presença do Ancião de Dias é Jesus, que retorna no fim da história para salvar o seu povo da opressão.

Além dessa característica, na literatura apocalíptica, a imagem beira ao bizarro, extravagante, esquisito. O mal é pintado em termos mais grotescos. Em Daniel, por exemplo, os reinos maus são representados por bestas híbridas ou em que há misturas de espécies diferentes.

Outra distinção que podemos sugerir é o ambiente da opressão. A literatura apocalíptica é produto de uma sociedade oprimida ou de uma classe oprimida dentro de uma sociedade. Daniel reflete o período do exílio babilônico e a consecutiva dominação dos persas. Isso antecipa profeticamente a ameaça do helenismo e, em particular, o comportamento cruel de Antíoco Epífanes.

Já a literatura profética apresenta a revelação mediada. Deus falou com Jeremias, que falou com o povo de Judá (Jr. 12). O profeta é aquele que traz uma palavra de Deus ao povo. Dinâmica diferente está em ação no apocaliptismo: Deus fala com Daniel por intermédio de um mediador, em geral um anjo. (Daniel 12, 5-13). Daniel não é encarregado de falar ao povo, mas sim de “encerrar as palavras e selar o livro, até ao tempo do fim.” (v.4).

Em resumo, a principal função da literatura apocalíptica em geral e a de Daniel, em particular, é confortar o oprimido. A profecia aflige o confortado; o profeta apocalíptico conforta o aflito.

Isso definido, voltemos às cinco visões. A **primeira** delas é encontrada no **capítulo 8**, é narrativa na primeira pessoa. Daniel vê. Temos aqui o fenômeno da **substituição dos impérios mundiais**. O capítulo provavelmente foi redigido no ano 548 aC., antes do episódio do banquete de Belsazar que aconteceu no ano de 539aC, quando Ciro entrou na cidade e a conquistou.

A **segunda** visão é também relatada na primeira pessoa e foi registrada em **9, 1-19**. Aqui o período histórico é compreendido entre 539 aC e 529 aC. Em linguagem de oração, Daniel documenta a **confissão dos pecados de Israel**. Uma curiosidade: Hans de Wit, biblista holandês, afirma que os versículos 4-19 fazem parte de uma ladainha conhecida pelo povo e que deve ter sido composta por ocasião da queda de Jerusalém. Como a linguagem apocalíptica costuma se valer de palavras “ditas e reveladas”, este é o caso e só enriquece o entendimento dessa parte de Daniel que, em momento de muita aflição, se põe a interceder.

A **terceira visão**, também relatada na primeira pessoa, está registrada em **9, 20-27**. Temos aqui a aparição de Gabriel, quando Daniel é informado sobre a **duração da era do fim**. É também provavelmente produto do ano 539 aC., o mesmo do salmo 102. Neste ponto, vale refletir sobre as **setenta semanas, ou tempos**, aqui mencionados. Há algum proveito em tentarmos identificar qual será esse tempo aqui chamado “tempo do fim”? Quando estava entre nós, Jesus foi bem

claro ao ensinar aos discípulos que nem ele conhecia esse tempo, apenas o Pai. Então, por que tantas pessoas ainda hoje tentam identificar esse tempo? Não seria uma forma de desobedecer a Jesus? Pensemos sobre isto.

A **quarta visão**, registrada em **10, 1-12,4**, relato também na primeira pessoa, traz a aparição do anjo das nações. Trata-se da **interpretação dos impérios e dos acontecimentos da era final**. Aqui temos a noção de ressurreição dos mortos: “E NAQUELE tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Os entendidos, pois, resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente. E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.” (Dn 12, 1-4). O ano do relato provavelmente foi o de 537aC.

A **quinta** e última visão pode ser lida no capítulo **12, 5-13**, também relato de 537aC. Aqui o profeta recebe **novas indicações do fim e da ressurreição do próprio Daniel**, a saber “Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias.” Dn 12,13. Bonito e expressivo consolo, este. Daniel, servo de Deus, fiel, que soube resistir diante de tantos reis. Mas, a qual tipo de resistência nos referimos? À resistência do poderio, do domínio da Palavra de Deus na vida. É deixar Deus ser identificado em tudo o que fazemos, seja na cidade, no campo, no deserto, na

praia. É testemunhar da ação de Deus na história na igreja, no trabalho, na rua, em casa. É clamar pela direção de Deus na igreja, no País, no lar, no trabalho. Daniel conseguiu, nós também poderemos caminhar na direção da vitória. Daniel não desistiu. Ficou, em algumas vezes, doente e abatido, mas continuou firme.

Dr. Zabatiero, ao concluir estudo em Daniel, afirma: “compreender a história e a soberania de Deus na história é, por um lado, motivo de alento e força para agir. Mas, por outro lado, é também motivo de inquietação e reflexão. O desafio é imenso, e mesmo com Deus ao nosso lado, somos pequenos demais para enfrentá-lo. Se empalidecemos, como Daniel, diante do drama da história; com Daniel também recuperamos a cor, e caminhamos, de cabeça erguida, juntos com Javé e Jesus Cristo, na construção de um mundo novo.”

Ao terminar o estudo deste livro, ainda que de modo tão resumido e introdutório, concluímos igualmente as reflexões a partir dos textos de dois outros profetas. Iniciamos com Jeremias, que acenava para a catástrofe da queda de Jerusalém. Continuamos com Ezequiel, cativo que foi convocado para falar ao povo e mostrar a calamidade mas também a restauração e culminamos com Daniel, jovem exilado, que deixou sua história de fidelidade a Deus ser perpetuada para nossa edificação e crescimento.

Nosso tempo é tempo semelhante ao tempo desses profetas. Deus tem

acenado para a necessidade de correção de rumo. O povo de Deus tem sido confrontado com denúncias de imoralidade e de infidelidade aos valores apregoados por Jesus Cristo. Deus não está contente conosco. A sociedade, que se diz evangélica, não tem demonstrado, evidenciado a fé em Jesus e o comprometimento com Ele. Não temos mais a figura do Templo para simbolizar a destruição e a ira de Deus, mas não precisamos pensar muito para enxergar o que Ele pode fazer para nos chamar de volta. Clamemos, então, em uníssono por misericórdia e que para tanto Ele mesmo nos direcione, amém.

Apoio bibliográfico:

DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova.

LA SOR, William S. et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova

SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes.

SICRE, José Luís. Profetismo em Israel – O Profeta, Os Profetas, A mensagem. Petrópolis: Vozes.

WIT, Hans de. “Brilharão os entendidos...” – O livro de Daniel: perseguição e resistência. Em Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares – O Fim da História é o Fim dos Impérios – Sonhos e visões do fim – Daniel 7. Em Estudos Bíblicos 93 Escatologia: Vida e Morte na Bíblia. Petrópolis: Vozes.

ZENGER, Erich et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Loyola.